

PELA QUALIDADE DO ENSINO DO JORNALISMO

Copyright © 2008
SBPjor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

CLAUDIA QUADROS
Tuiuti do Paraná University, Brazil
TATTIANA TEIXEIRA
Federal University of Santa Catarina, Brazil

O ENSINO DO JORNALISMO SEMPRE FOI UMA PREOCUPAÇÃO ENTRE OS PESQUISADORES DO campo. Em 2008, no Brasil, mais uma vez muito se discutiu sobre o fim do diploma de jornalista e a necessidade de uma formação mais adequada para esse profissional. O professor José Marques de Melo, um dos fundadores da *SBPjor* (*Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*) e o primeiro sócio emérito da entidade, foi indicado pelo Ministério da Educação a presidir uma comissão que tem por objetivo revisar as diretrizes curriculares dos cursos de Jornalismo no Brasil. Entre os membros dessa comissão está um representante da *SBPjor*: Luiz Gonzaga Motta. Outras instituições também participam da comissão, como a *FENAJ* (*Federação Nacional dos Jornalistas*) e a *FNPJ* (*Federação Nacional de Professores em Jornalismo*).

Nesta edição, portanto, nada mais oportuno do que a *BJR* discutir o estado da arte do ensino e da pesquisa do jornalismo no Brasil e em outras partes do mundo. No dossiê, Xosé López García, professor de Santiago de Compostela, na Espanha, faz um raio-x do ensino do jornalismo na América Latina, Espanha e Portugal. López dá ênfase ao ensino brasileiro, que oferece pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, e mostra o que se pode aprender com a experiência do nosso país. Destaca ainda as mudanças no currículo do jornalismo com as transformações da era digital e aponta alguns caminhos tomados na Europa com o *Tratado de Bolonha*.

Quais são os desafios de ensinar jornalismo na era da convergência de meios? Essa questão é constante entre pesquisadores do campo. Os professores brasileiros Lorena Tárzia e Simão Pedro Marinho revisam a bibliografia sobre a convergência de meios, com ênfase no jornalismo.

Também entrevistam estudantes brasileiros para saber como eles têm se adaptado a esse processo de transformação do jornalismo. A idéia dos autores é encontrar estratégias de ensino para tornar os estudantes proativos com a emergência da convergência de meios e o desenvolvimento do jornalismo participativo.

Também faz parte do dossiê desta edição um mapeamento sobre a pesquisa em jornalismo participativo no Brasil, com ênfase na metodologia de cada estudo sobre o fenômeno. Holanda, Silva, Quadros e Palacios revisitam essas investigações para dar detalhes da metodologia, tendências e influências. Entre os estudos destacados pelos autores, está o de Marcelo Träsel. Vencedor do prêmio *Adelmo Genro Filho*, concedido pela *SBPjor*, na categoria dissertação de mestrado, o pesquisador faz uma análise sobre o conteúdo postado pelo público nos sites de notícias *Wikinews* e *Kuro5hin*. O autor aponta que a pluralização de fontes contribui para a democracia.

Na seção de artigos, Amy Schmitz Weiss e Carla Schwingel discutem sobre os sistemas de publicação utilizados em diários digitais do Brasil e dos Estados Unidos com foco na delicada relação entre conteúdo e produção. Na opinião delas, muitas vezes os sistemas não foram criados pensando no leitor ou no jornalista. Como as estruturas dos sistemas influenciam na apresentação e na qualidade do conteúdo, as autoras observam algumas das implicações que surgem no jornalismo on-line e participativo.

Beatriz Dornelles, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC/RS, acredita no fim da prática jornalística que defende a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade. Os meios *mainstream* hoje adotam muitas práticas utilizadas pelo jornalismo comunitário, jornalismo público, jornalismo popular etc. Ou seja, o incentivo da participação do público no debate sobre fatos que acontecem na sociedade tem transformado o fazer jornalístico.

Marta Maia reflete sobre a *regra da transparência* como um elemento de democratização do processo de produção jornalístico. Já a jornalista e economista Maria Lúcia Jacobini observa como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* tratam o conceito de mercado nas editorias de economia. Os dados obtidos na pesquisa apontam que há uma simplificação do conceito, que o reduz à perspectiva do mercado financeiro.

Kati Caetano, professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, analisa como as imagens documentais são utilizadas em diferentes meios de comunicação e destaca suas implicações comunicacionais. Na rede, por exemplo, a elaboração estética é colocada em segundo plano quando entram em

cena imagens realizadas pelo calor da hora dos acontecimentos. Para a autora, neste caso, o mais importante é o papel do enunciador como sujeito participante do fato. Os professores Dalva Ramaldes e José Luiz Aidar Prado, com base na análise semiótica, mostram como as revistas *Veja* e *IstoÉ* construíram a imagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na campanha presidencial de 1989. O resultado faz parte da pesquisa “A invenção do outro na mídia semanal”, que tem o apoio do *CNPq*.

A partir deste número a *BJR* será bilíngue a pedido de muitos pesquisadores brasileiros que gostariam de trabalhar os artigos da revista nos cursos de graduação em jornalismo. A edição em inglês saiu antes, mas a versão em português logo estará on-line. Para a sua elaboração, a *BJR* precisou ampliar a sua equipe. O novo secretário de redação é o professor Rogério Christofolletti e o professor Álvaro Lorangeira assume a revisão da edição em português da *BJR*.

Boa leitura!

Claudia Quadros

Tattiana Teixeira